

F Histórias de Faxinais



Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná

F Histórias de Faxinais

Liliana Porto (org.)

Projeto Gráfico: Felipe de Sousa e
Vinícius Tumelero

Editora
UFPR

Reitor

Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Prof.^a Dr.^a Graciela Inês de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Prof. Dr. Leandro Franklin Gorsdorf

Diretor da Editora UFPR

Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Diretora do MAE-UFPR

Dr.^a Bruna Marina Portela

Equipe MAE-UFPR

www.mae.ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

H673 Histórias de faxinais [recurso eletrônico] / Liliana Porto (org.) ; ilustrações : Felipe Sousa ; diagramação : Vinicius Tumelero... – Dados eletrônicos. – [Curitiba] : Ed. UFPR, 2019.
1 arquivo [40 p.] : il., color.

Inclui glossário.
ISBN

1. Literatura infanto-juvenil portuguesa. 2. Literatura portuguesa. 3. Posse da terra na literatura. I. Porto, Liliana, 1969-. II. Sousa, Felipe. III. Tumelero, Vinicius de Oliveira, 1997-. IV. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná. V. Título.

CDD: 028.5
CDU: 869.0(81)

Bibliotecário: Arthur Leitão Junior - CRB 9/1548

ISBN 978-85-8480-190-9

Direitos desta edição reservados à

Editora
UFPR

Rua João Negrão, 280, 2º andar - Centro
Caixa Postal 17309
Tel.: (41) 3360-7489 / Fax: (41) 3360-7486
80010-200 - Curitiba - Paraná - Brasil
www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br
2019

Esta obra foi integralmente produzida pelo

m
ae | **museu de**
arqueologia
e etnologia
UFPR

Autores

Adrian Pablo Camargo Oliveira (15 anos)
Amanda Aparecida Ramos dos Santos (13 anos)
Ana Carolini Silvério Siepmann (13 anos)
Anelise de Jesus Matias Correia (11 anos)
Davi José dos Santos (15 anos)
Joice Aparecida dos Santos Carvalho (16 anos)
Lays de Oliveira Camargo (11 anos)
Maria Eduarda Repzuk Boeira
Marilene Aparecida Nunes Silva (11 anos)
Raissa Oliveira de Lima (12 anos)
Silene Daiko (18 anos)
Tainara da Silva Santos (13 anos)
Tatiele Santos Alves (13 anos)
Thaís Aparecida Corrêa (11 anos)
Vitor Vinicius Alves de Oliveira (12 anos)
Welliton Gabriel Ribeiro de Macedo (12 anos)

Todos os textos que compõem este livro são as histórias originais escritas pelas crianças e jovens, tendo havido apenas a revisão de português, eliminação de alguns nomes e inserção de títulos naquelas que não o possuíam. A equipe do projeto Histórias de Faxinais, considerando as tensões fundiárias que marcam a região do município em que o projeto foi desenvolvido e a temática delicada de algumas histórias, decidiu pela identificação coletiva dos autores, não individual.



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

A rotina de um menino do faxinal.....	6
Sapatinhos de palha	8
Costumes dos povos faxinalenses	10
Vizinha hostil.....	12
Chorando só de tristeza.....	16
A vida antigamente.....	18
Isso aconteceu nos anos 50.....	20
O rio alagado e seus habitantes	22
Uma grande rixa.....	24
Ordem da firma	26
Tertuliano	28
Histórias contadas.....	30
O caso do galinheiro	32
A história de minha mãe	34
O pistoleiro do mal.....	36
O bisavô e sua família.....	38
Glossário	40

A rotina de um menino do faxinal

Cinco horas! Canta o galo. Levanta, preguiçoso! Vai lavar o rosto no monjolo, tomar o café. Pega o pacote de trigo, guarda o caderno e o lápis e corre pra escola, que é longe! E de pé no chão, então vai demorar! Mas volta logo depois da aula porque temos que trabalhar, debulhar milho e fazer quirera na jorna para dar para os animais.

Depois tem de fazer canjica no pilão... Chiii ...

Olha o cavalo, quebrou de novo a cerca de arame. Vai arrumar, pois se ele escapa, vai estragar o trigo que tem para ceifar.

Pronto, pronto! E então, o que você vai fazer? Buscar água para sua irmã lavar roupas, ou vai pra roça com a mamãe? Se quiser, pode ajudar seus irmãos na lavoura de trigo, ou pode vigiar o feijão que foi malhado no cambau e estava secando no pano estendido no terreiro.

O seu pai já abasteceu a carroça com as dúzias de ovos e vai trocar na bodega por panos de chita e brim. Vai dar para fazer vestidos para suas irmãs e com o brim algumas calças para seus irmãos que estão roçando o tiguera e rasgaram suas vestes nos espinhos de nhapindá! E sim, no fim do dia não se esqueça de que tem sua lição, pega o lampião. Amanhã levanta cedo porque o dia promete, não vai ser essa moleza de hoje não.

Baseado em histórias reais do dia a dia do meu pai.



Sapatinhos de palha

Era uma vez uma menina que morava com sua tia. Ela não tinha calçados para calçar e sua tia fez um sapatinho de palha para ela.



E ela ia tratar os animais na geada. E os porcos corriam atrás dela para comer os sapatos, pois eles achavam que era uma espiga de milho.

Enquanto ela corria deles, ela se divertia. Era uma menina muito solitária, se sentia muito sozinha.

A menina tinha poucas roupas e não eram muito quentes. Ela tratava os animais, ajudava a fazer os serviços com todo frio e depois se sentava ao sol para se esquentar. E assim ela se fez uma mulher forte, corajosa e muito determinada.



Costumes dos povos faxinalenses

Há alguns anos atrás, os costumes dos povos faxinalenses eram assim:

As crianças estudavam apenas até aprender a ler e a escrever, pois os pais achavam que era o suficiente. Acima de sete anos, todos iriam trabalhar: já não eram mais anjos e precisavam trabalhar para comer. As meninas se casavam muito novas, pois não estudavam e achavam que a solução era se casar.

E assim se formava um agrupamento em volta da casa dos pais e avós, um ajudava o outro e dividia o pouco que tinha.

Quando nascia uma criança, o vizinho que possuía vacas ou cabritos produzindo leite doava para a criança. Quando se matava um animal, se dividia a carne com o vizinho. A criançada fazia a festa.



Os moradores da região percorriam de 4 a 5 km a pé até suas lavouras. Nem todos tinham cavalos para os conduzir, alguns conduziam seus mantimentos nas costas. Era distribuída a quantidade de alimentos por idade: os menores levavam menos e os maiores levavam mais. No caso do milho, era dividido por atilho, ou seja, quatro espigas; o feijão era por litro, dez litros era 7 kg; o milho era o alimento dos porcos e galinhas. Fazia-se farinha no monjolo de água, o milho era essencial para as famílias.

Obs.: Moradora residente no Faxinal dos Ribeiros.



Vizinha hostil

O passado não fica tão longe assim, principalmente quando fagulhas dele voltam ao presente e parte dele se torna agradáveis lembranças, se transforma em grandes histórias.

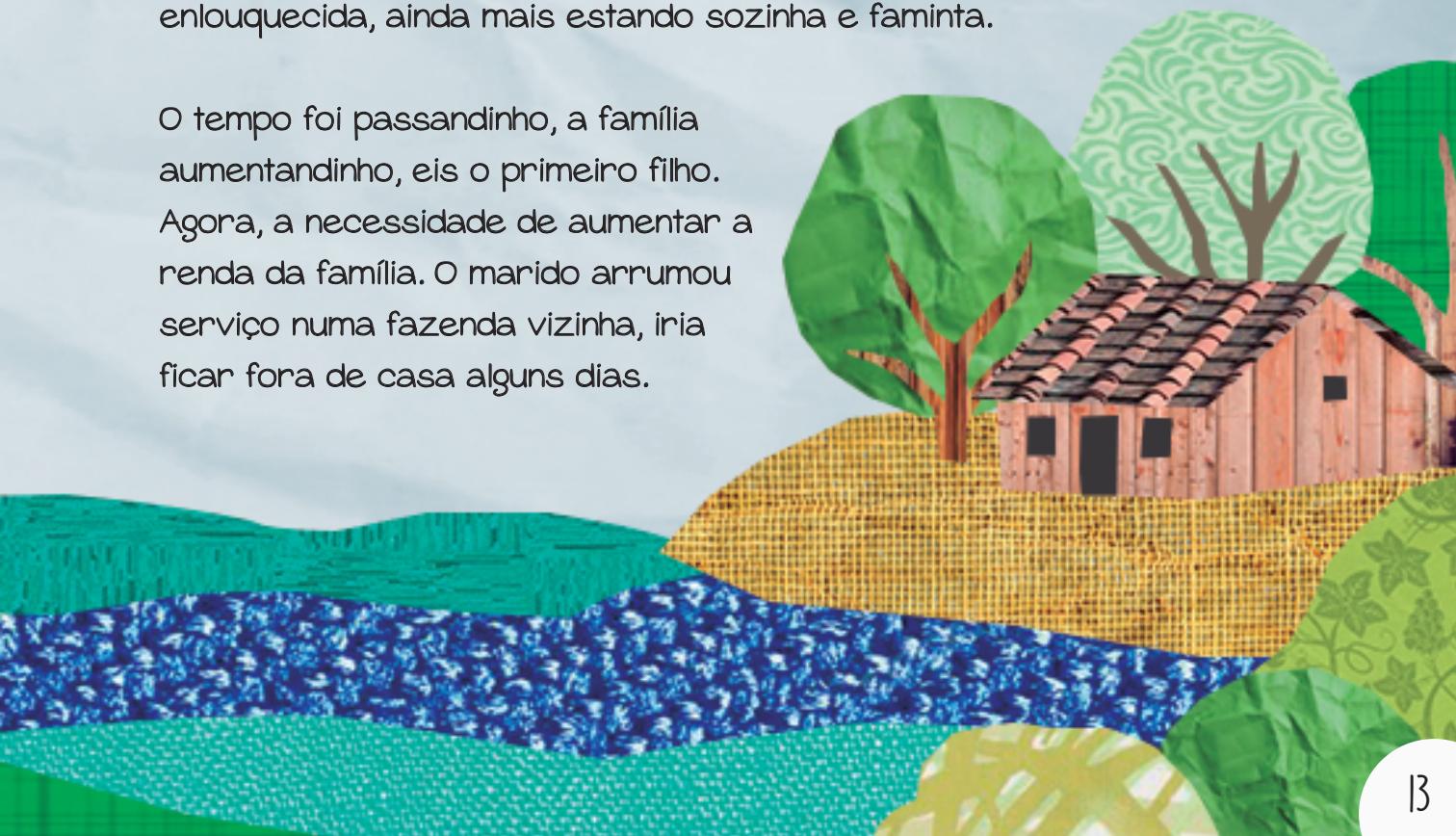
A coisa mais normal para quem mora na zona rural é ver mocinhas novas ansiosas para casar, muitas fogem de casa sem parar pra pensar nas consequências dos seus atos. Uma delas por aí decidiu

acompanhar seu futuro marido. Os dois não tinham nem ao menos aonde ir, então emprestaram um velho rancho perto do rio, ao lado de uma mangueira caindo aos pedaços, tudo bem cercado por uma densa floresta.



Era o começo de uma vida a dois, principalmente quando essa união não tinha o consentimento dos pais. Dentro da casa, apenas uma tarimba pregada na parede, um banco num canto e uma trempe bem firmada em cima de um amontoado de pedras, ali seria um futuro fogão. Em outro canto da casa, alguns bujões para puxar água do rio. Mas até aí tudo bem, pelo menos na parte do dia, porque à noite o jovem casal juntava coragem e muito sangue frio quando uma vizinha resolvia importuná-los se esfregando nas paredes e rosnando enlouquecida, ainda mais estando sozinha e faminta.

O tempo foi passandinho, a família aumentandinho, eis o primeiro filho. Agora, a necessidade de aumentar a renda da família. O marido arrumou serviço numa fazenda vizinha, iria ficar fora de casa alguns dias.





No velho rancho, mudbu um pouco a mangueira, que reformada com troncos e galhos abrigava uma vaca e um bezerro. No chiqueiro de varas, um porco engordando. Na frente da casa, amarrado em um toco por uma longa

corda, um amigo servo fiel: um

jumentinho, presente do pai da moça para ajudar nos

trabalhos, como puxar lenha e

milho da lavoura no cargueiro e até

mesmo como transporte no caso de

precisar sair.

Também muitos cachorros bravos ao redor da casa, soltos, para o caso da noite chegar e aquela vizinha resolver passear sem ser convidada - afinal, ninguém quer a companhia de uma pantera negra.

Com um trabuco na mão, presente do sogro, a esposa temia pela sua vida e de seu pequeno filho, vigiava pela fresta na parede do rancho. Passava a noite vigiando, quando aquela pantera resolvia lhe tirar o sossego...



Chorando só de tristeza

Meu pai, que já é muito velhinho, contou que antes aqui tinha muitas brigas nos bailes com os jagunços do Zattar. Havia muitos jagunços espalhados por todo lugar. Andavam todos armados e mexendo com a maioria do povo. Eles eram muito valentes e matavam muita gente. Até nos velórios, que os mais velhos chamavam de "guardas", havia brigas.

O pai contou que uma vez ele entrou em uma briga com um jagunço, por causa de uma moça, e o jagunço tirou uma arma para o pai da cintura e quis atirar. Mas outro jagunço não deixou porque eles eram amigos.

Em outra festa, um outro homem quis brigar com meu pai por causa de outra mulher. O homem estava querendo brigar, mas o pai não queria. Daí o pai resolveu e calçou uma rasteira nele, pulou pra fora e chamou o homem pra vir também. Mas só que os policiais fingiam que iam embora, deixavam o carro em umas alturas, voltavam para o baile e ficavam escondidos.

Quando o pai chamou o homem para fora, chegaram os policiais e pegaram na cintura dele, revistaram. Então chegou um amigo dele e falou para os policiais que o outro estava mexendo com ele o baile inteiro. Os policiais retrucaram que tinham visto.

O pai com um amigo dele, o patrão dele, em um domingo, ele pousou com o meu pai na frente de uma igreja e viu umas moças saindo chorando. O patrão do pai falou: "Olha lá umas moças bonitas chorando. Se eu tivesse trazido meu ariado ia surrar todas essas moças". E o pai falou: "Não presta falar, eu queria ter um choro desse, nós choramos só de tristeza". E o outro disse brincando: "Ah, se eu tivesse trazido, ia surrar você primeiro".

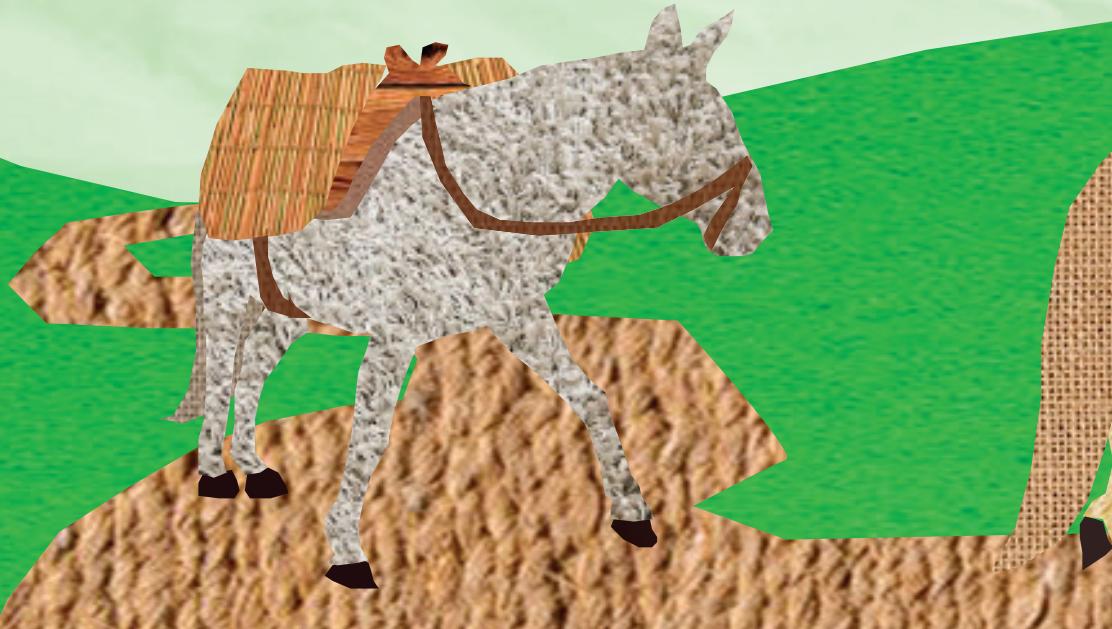
No outro dia, segunda, eles foram carregar erva nas sapecadeiras e o patrão foi sozinho para União da Vitória. Em uma curva ele bateu em outro caminhão e morreu. O filho dele reclamou da demora do pai e o Nezinho chegou e falou: "Ele não chega mais, bateu em outro caminhão". O filho dele ficou chorando e batendo na cabeça, e falou que no primeiro carro que encontrasse ele ia se enfiar na frente. O Nezinho disse que levava ele e os capatazes.



A vida antigamente

A vida antigamente era muito difícil, os homens e mulheres trabalhavam muito. Eles desciam até os paióis no domingo à noite. A mulher vinha na terça trazendo milho para fazer farofa. Quando o homem vinha e voltava para o paiol, levava a farofa. E isso se repetia sempre.

As mulheres cuidavam de suas casas e de seus filhos. Naquele tempo era tudo muito complicado. Os filhos iam para a escola para aprender a ler e a escrever. Levavam seus materiais em pacotes de comida, como o de arroz. Muitas vezes iam descalços, pois não tinham condições de comprar sapatos e, se tinham, deixavam em casa e usavam quando iam sair para passear.



Criavam animais todos juntos. Faziam cercas como podiam e ali deixavam vários animais. O dono marcava seus animais para não se misturarem. Assim, os animais andavam onde queriam sem ninguém interferir em sua passagem, respeitavam uns aos outros. As crianças eram muito educadas, não desrespeitavam os mais velhos.

E assim viviam antigamente.



Isso aconteceu nos anos 50

Lá onde meu tio mora, minha avó falava que tinha uma panela de dinheiro. Mas minha avó já faleceu. Quando ela era viva, falava pra minha mãe que tinha uma panela de dinheiro pra baixo da casa dela. Mas um dia minha avó foi ver com os filhos: quando estavam chegando perto da panela, um monte de cachorros não deixava ela se aproximar mais.

Também minha avó contava que, quando a tarde chegava, sempre tinha um barulho na frente da casa. Ela falava que batia a mão, mas, quando eles iam ver, parava de bater.

Hoje meu tio mora lá, onde aconteceu tudo isso. Minha tia sabe contar bem essa história. Isso foi nos anos 50.





O rio alagado e seus habitantes

Antes de ser um imenso rio, era uma pequena corrente de água. Até construírem uma represa, ou seja, uma barragem. Foi ali o início do alagado. Aí os operários e funcionários fecharam a barragem e ela começou a subir cada vez mais, até um ponto em que foi alagando o terreno com grandes pastagens e seu gado, cavalos.

Sem ter o que comer, os animais foram se desnutrindo. Eles tinham que vender seus animais, mas não tinham para quem vender. Para não terem muitas despesas, começaram a matá-los e, passando muito sal para a carne não estragar, foram comendo às pressas. Para terem onde cultivar seus alimentos como: arroz, feijão, trigo, milho, cana, pipoca, etc.

Mas quando os proprietários souberam das despesas, eles abriram um pouco para varar a água, até que o rio chegou ao nível em que está nos dias de hoje. Meu pai presenciou isso quando era criança. Até que seu pai abandonou ele e seus irmãos. Ele teve que trabalhar duro para sustentá-los, trabalhando para os outros até seus irmãos crescerem ou até mesmo casarem.



Uma grande rixa

Meu pai foi criado desde cedo, como é comum por aqui, por seus avós.

Naquele tempo, uma firma chamada Zattar queria as terras dos posseiros, pessoas que moravam ali desde que nasceram.

Entre eles houve uma grande rixa, pois os posseiros se recusaram a ir embora dos Faxinais dos Taquaras e Ribeiros. Então a firma resolveu agir diferente e chegou até a atear fogo em várias casas. Houve vários tiroteios entre o Zattar e os posseiros. Em um deles, meu pai quase foi atingido por uma bala perdida quando se escondia nas redondezas.

Mas naquela época Zattar foi impedido pelo INCRA. Esse acontecimento se repetiu na comunidade de Alecrim, aqui perto, e quase por aqui outra vez. Mas o INCRA agiu novamente e estamos esperando até os dias de hoje pela legalização das terras.



Ordem da firma

O meu avô foi criado no Zattar. Trabalhou em tudo na roça, lavoura, em tudo que o meu bisavô pedisse. Minha bisavó tinha problemas nas pernas, ela não conseguia mexer, então viveu só na cadeira de rodas. Seus netos, que eram muitos, brincavam com ela, corriam empurrando-a. E quando ela morreu, após 15 dias ele também morreu.



Quando meu avô cresceu, trabalhou de caminhoneiro e também como pistoleiro, cuidando das terras do Zattar. Quando havia posseiros, ele e mais alguns homens agiam para tirá-los de lá, com ordem da firma.

Agora o Zattar faliu e as pessoas invadiram as terras. Tem pessoas há mais de 30 anos em cima delas. Há pouco tempo, o Zattar destruiu várias casas na comunidade do Alecrim, deixando várias pessoas desabrigadas.



Tertuliano

Há anos atrás existiu um homem chamado Tertuliano. Ele e seu amigo José pegaram uma roça para roçar. No dia em que eles foram trabalhar, o José foi comprar pinga. Tertuliano foi na frente, mas não sabia que lá tinha uma onça muito perigosa, que perseguia pessoas. O José, em vez de ir trabalhar, ficou jogando e bebendo enquanto Tertuliano estava no trabalho. O patrão avisou sobre o animal, mas Tertuliano, mesmo sabendo do bicho, foi trabalhar, porque era corajoso. Ficou 8 dias e 8 noites lá, sem dormir: se apagasse o fogo, a onça o comia.



Ele apenas convivia com o medo, pois a qualquer momento o animal poderia atacar e matá-lo. Quando Tertuliano estava indo embora, no caminho encontrou José. Tertuliano avisou sobre o animal, mas José duvidou e foi mesmo assim.

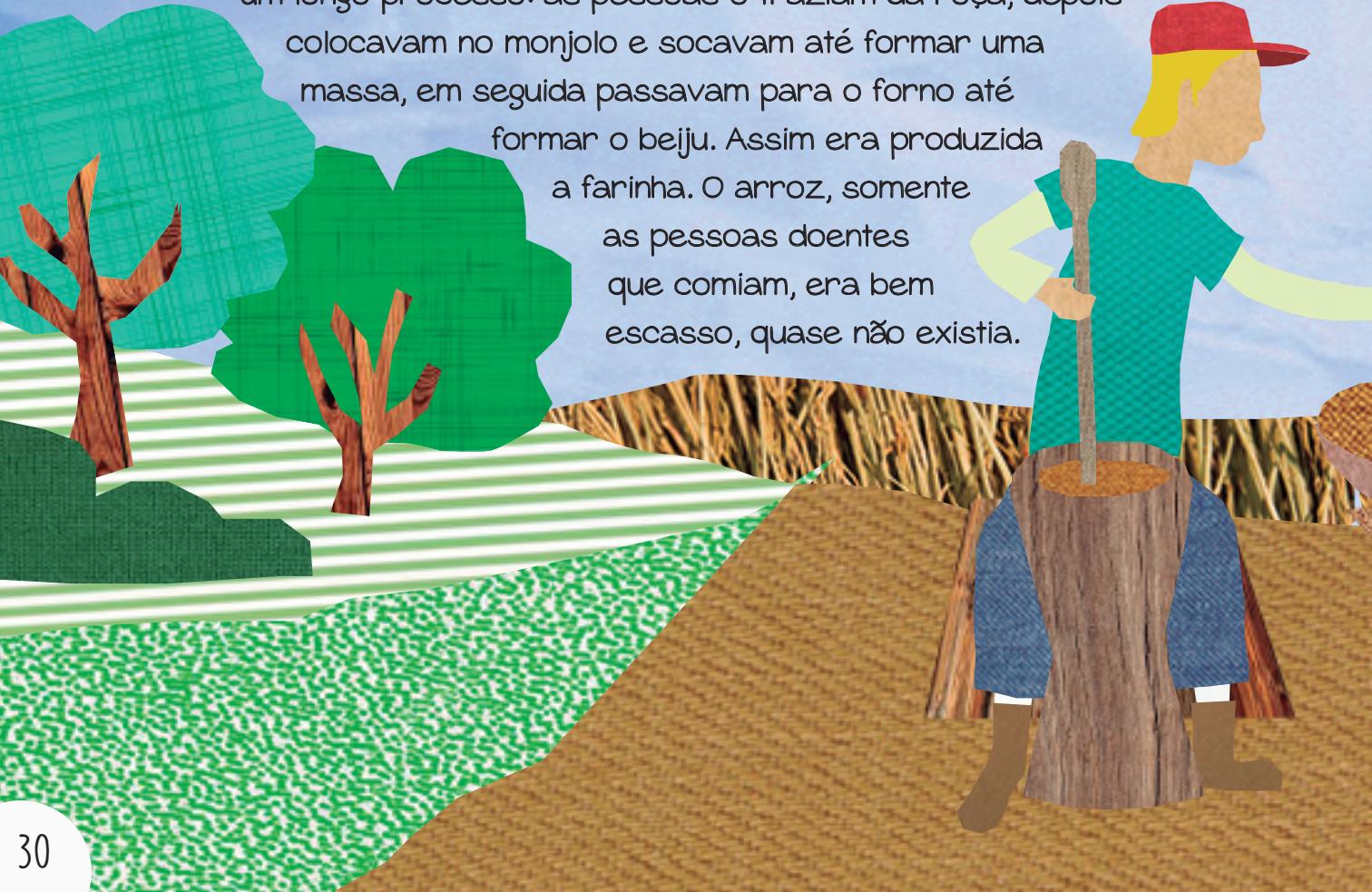
Quando José chegou lá, deu de cara com o bicho e saiu em disparada para longe. Tertuliano ficou rindo do José, por ele ser muito medroso.



Histórias contadas

Antigamente, os pais contavam histórias para seus filhos.

Antigamente tudo era diferente, difícil. Os alimentos eram produzidos em casa mesmo. Com o milho era feita a farinha, que passava por um longo processo: as pessoas o traziam da roça, depois colocavam no monjolo e socavam até formar uma massa, em seguida passavam para o forno até formar o beiju. Assim era produzida a farinha. O arroz, somente as pessoas doentes que comiam, era bem escasso, quase não existia.



Quando uma pessoa ficava doente, pegavam e descascavam o arroz no pilão. Eles socavam até descascar e depois abanavam; estava pronto para o consumo. Antigamente existia o tal puxirão, que significa que um vizinho ajudava o outro e não ficava ninguém sem fazer planta. Assim todos tinham suas grandes lavouras, com bonitas plantas, todas bem cuidadas. As pessoas acreditavam que existia lobisomem. Não saíam à noite. Meu avô contava que o pai dele laçou um lobisomem, no outro dia amanheceu, ele foi logo ver e tinha acontecido: ele viu que estava um moço sem roupa.



O caso do galinheiro

No ano de 1982, em Faxinal dos Ribeiros, na residência do Senhor Azinando Prestes, no tempo da Quaresma, para amanhecer a Sexta-Feira Santa, houve um fato inédito e inexplicável.

Havia um galinheiro a uns 20 metros da casa, próximo aos pés de maçã no quintal. O galinheiro, feito pelo senhor Elvino de Matos, era de madeira serrada de imbuia e pinheiro, comprada na produtora Zattar. Os caibros foram serrados pelos serradores da comunidade. Os pregos eram novos, 18x36. E os caibros 42x20. Esse galinheiro possuía caixas para as galinhas porem ovos, caixas que ficavam totalmente cheias de esterco das aves.



Na Sexta-Feira Santa, umas horas da madrugada, ouviram-se barulhos. Os cachorros se agitaram. Na manhã seguinte, quando os moradores acordaram e foram ver o que havia acontecido, o galinheiro estava com os caibros arreventados, tábuas despregadas, as caixas roídas, sinais de sangue também no chão. Havia buracos por onde tinha sido retirado o esterco em grande quantidade, provavelmente onde "o ser" havia se alimentado.

Também nesta mesma noite, os cães saíram correndo atrás de algo e o levaram até a casa do senhor Pedro Prestes, que era vizinho. Passaram por lá também deixando vestígios. Várias pessoas foram testemunhas oculares desse fato, as quais ainda hoje lembram e narram esse acontecimento. Até na atualidade não se sabe afirmar se era um lobisomem ou que ser seria. Outros animais não teriam a força do citado.

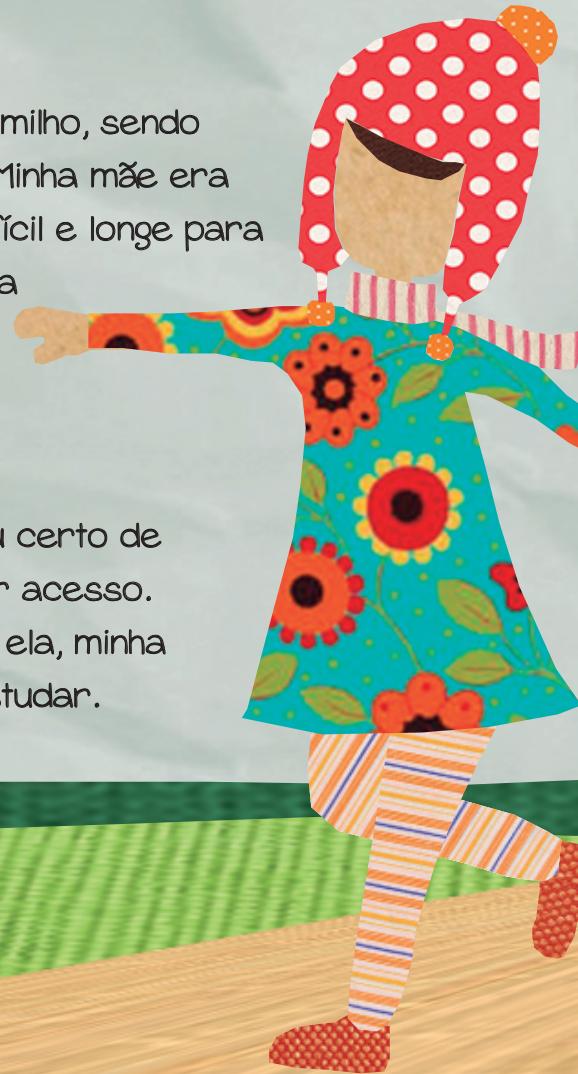


A história de minha mãe

Há 36 anos atrás nasceram duas meninas, uma delas minha mãe. Seu lar era simples, pobre e difícil em todos os sentidos. Moravam em uma casa chamada rancho, de pau a pique, coberta com esteira de taquara. Seu piso de puro chão.

Minha mãe nasceu em um colchão de palha de milho, sendo parteira sua avó que se chamava Conceição. Minha mãe era muito doentia e não tinha médico, era muito difícil e longe para ir até uma pequena cidadinha. Minha avó levava minha mãe num vizinho, ele ensinava remédio, benzina, fazia simpatia e rezas para ela melhorar.

Assim foi por muito tempo, até que um dia deu certo de mudarem para um lugar mais fácil e de melhor acesso. Esse lugar onde tudo é lembrado e vivido por ela, minha mãe. Com oito aninhos de idade, começou a estudar.



No dia anterior, não dormiu de emoção de ir para a escola pela primeira vez, com sua simples roupinha que era a melhor que tinha, com chinelinhos de talas emendadas com tecidos ou com costuras de fio de saco plástico.

E lá ia minha mãe com seus cadernos e um lápis num pacote de arroz ou de farinha de milho: era sua mochila. Sua borracha era uma solinha de chinelo, ou molhava o dedo com saliva para apagar o erro do lápis, onde sujava ou rasgava seu caderninho. Tudo difícil, mas minha mãe se orgulha, porque isso fez sua história real. Para aprendermos que vale a pena estudar para o futuro, para outra velha história existir.



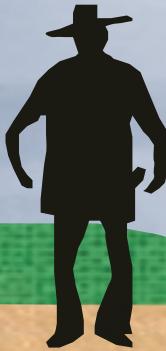
O pistoleiro do mal

Há muitos e muitos anos, houve uma festa e vários homens foram até lá. Foi nessa festa que muitos homens se tornaram pistoleiros, inclusive um homem chamado Sebastião Matias. Ele era um homem muito mau.

Certo dia, Sebastião e um amigo não muito próximo foram até a cidade fazer compras. Os dois começaram a discutir. Já que Sebastião era pistoleiro, ele sempre carregava uma arma junto dele e com essa mesma arma ele matou o homem que o acompanhava.

Quando chegou em casa, Pedro, o irmão do homem de quem Sebastião havia tirado a vida, estava lá e perguntou pelo irmão.

Sebastião falou a verdade e assim Pedro atirou na cabeça de Sebastião e o matou. Os outros pistoleiros que estavam ali presenciaram a morte de Sebastião e ao ver aquilo não pensaram duas vezes e atiraram em Pedro, que também acabou morrendo.



Duas semanas depois, Maria, a esposa de Sebastião, saiu com as filhas Lucimara e Leoni para irem a uma vizinha. Quando voltaram para casa, viram um homem em volta da casa. Perceberam que era o morto, então correram para a mata e lá passaram a noite. De manhã, quando acordaram, foram até a casa da vizinha e ela contou algo estranho para Maria e suas filhas: contou que Sebastião tinha ido até a casa dela para emprestar um machado. Então Maria lhe disse que Sebastião havia morrido há duas semanas.

A vizinha não acreditou e falou: "Um morto veio até minha casa!". Maria foi embora de lá e nunca mais voltou.

Passou o tempo, Leoni e Lucimara já estavam grandes mas ainda lembravam do terror da família SEBASTIÃO MATIAS. E adivinha: Sebastião é meu avô, Leoni é minha mãe e Lucimara é minha tia.



O bisavô e sua família

Era uma vez o meu bisavô Benedito Sutil de Ramos e a minha bisavó Maria do Belém. Eles eram pessoas humildes, trabalhavam em roças porque antes não tinha trabalho fixo. Eles plantavam e criavam animais para sobreviver.

Eles só comiam quirera com carne de porco, socavam milho em pilão para fazer canjica, torravam farinha nos fornos de pedra, guardavam leite nos purungos. Não compravam erva, eles quebravam os feixes de erva e secavam nas furnas de pedra, malhavam e socavam nos monjolos.

Eles viviam tranquilos com os seus filhos: José Sebastião, Sebastião Jorge, João Maria e Joaquim Noel e uma filha adotiva, Rosalina. Até que um dia aconteceu a Segunda Guerra Mundial e não tinha soldados para ir lutar. Eles então resolveram ir buscar os homens para

irem lutar. Mas meu bisavô, como era muito esperto, resolveu se esconder num oco de imbuia.



Lá ele ficou por semanas. Minha bisavó levava comida e água para ele. Quando passou a guerra, o bisavô voltou para casa.

O bisavô adorava contar as histórias de João e Maria para seus netos e netas quando iam passear na sua casa. Eles ficavam na cozinha de chão, em volta do fogo, escutando as historinhas.

Passado algum tempo, a bisavó acabou falecendo. O bisavô viveu muitos e muitos anos, mas também acabou falecendo com 94 anos de idade. Ele nos deixou muitos ensinamentos e valores que tentamos vivenciar em nossa família e também queremos passar esses ensinamentos para as novas gerações.



Glossário

Ariado: facão largo de roçar, também usado para bater.

Atilho: feixe amarrado de espigas de milho.

Beiju: flocos grandes de farinha torrada.

Bodega: pequeno estabelecimento ou armazém.

Caibros: peças de madeira que compõem a estrutura do telhado sobre a qual são montadas e presas as telhas.

Cambau: vara de madeira com outra vara presa na ponta por uma corrente ou tento de couro utilizada para bater o feijão, soltando-o de dentro da vagem.

Canjica: milho seco socado no pilão com cinza, umedecido com água fervendo a fim de retirar a película externa e o coração dos grãos, sem triturá-los, para posterior cozimento.

Cargueiro: forma de transporte com o uso de grandes cestos pendurados em uma cangalha (artefato de madeira ou ferro, acolchoado) presa ao lombo do animal.

Erva: erva-mate.

Faxinal: palavra que se refere simultaneamente ao ambiente das florestas de araucária e ao sistema de vida e produção dos povos tradicionais que habitam essas florestas, caracterizado por uma articulação entre criação animal à solta (em compáscuo), extrativismo de baixo impacto e lavouras fechadas por cercas ou em áreas descontínuas.

Imbuia: espécie de árvore de tronco largo e madeira de lei.

Jagunço: pistoleiro.

Jorna: moinho manual para triturar grãos, geralmente milho. Consiste em uma roda de madeira, pedra ou ferro que gira horizontalmente sobre outra, para quebrar e esmagar os grãos.

Mangueira: tipo de curral próximo à casa feito de pedras, pau a pique, varas ou madeira.

Monjolo: estrutura de madeira movida por água ou pelos pés utilizada para socar grãos (espécie de pilão de grandes proporções).

Nhapindá: planta rasteira e espinhenta que se agarra às roupas com seus espinhos curvos.

Paiol: depósito em madeira de ferramentas, produtos e colheita, também utilizado como lugar de pernoite para quem vai trabalhar na lavoura.

Pilão: artefato feito de peça única de madeira, utilizado para socar alimentos com a mão de pilão, sua haste de madeira comprida.

Posseiros: pessoas que, apesar de viverem e trabalharem na terra de maneira autônoma, não possuem a documentação que lhes conferiria a propriedade.

Purungo: espécie de cabaça utilizada para fabricação de utensílios de uso doméstico, de base larga e arredondada e pescoço estreito.

Puxirão: denominação local de mutirão, trabalho coletivo solidário em geral retribuído com alimentação e festa.

Quirera: milho quebrado em pequenos pedaços, também conhecido como canjiquinha.

Rancho: habitação precária, casebre.

Sapcadeira: local em que é sapecada com fogo a erva-mate antes que ela seja enviada para secagem.

Tarimba: estrado, cama precária.

Tiguera: roça depois de feita a colheita.

Crianças e jovens que participaram com textos e objetos do projeto

Adrian Pablo Camargo Oliveira (15 anos)
Adriele Bueno Kinceler de Paula (10 anos)
Alan de Siqueira (15 anos)
Alfredo Alves Fernandes Junior
Amanda Aparecida Ramos dos Santos (13 anos)
Ana Carolini Silvério Siepmann (13 anos)
Anderson Cavalheiro Ortiz (13 anos)
Andressa Fermينو
Anelise de Jesus Matias Correia (11 anos)
Antônio Aldrey de Lima
Bruno Morais Silvério Caldas (11 anos)
Claudineia A. Santos (16 anos)
Crislaine Brandine Camargo (15 anos)
Daniel Vieira Amaral
Davi José dos Santos (15 anos)
Eduardo Padilha Fernandes (13 anos)
Edilson de Jesus França (11 anos)
Elielton Fernando Ferreira Dias
Eliseu da Silva Santos (15 anos)
Everti Ferreira de Lima (10 anos)
Fernanda Aparecida da Cruz Ferreira (11 anos)
Géssica Fernanda Machado Mendes (18 anos)
Jader Kauan Nunes (11 anos)
Jaine Ramos (17 anos)
Jéssica Kinceler Siepmann (13 anos)
João Guilherme Gonçalves da Silva (11 anos)
João Vitor Camargo Diniz (16 anos)
Jocélia Kinceler Prestes
Joice Aparecida dos Santos Carvalho (16 anos)
Josiele da Silva Marçal (20 anos)
Julia Sthefany dos Santos Machado (13 anos)
Karine Firmino de Lima (12 anos)
Kauê Vilmar Almeida de Oliveira (15 anos)
Ketlin Vitória dos Santos Oliveira (14 anos)
Lays de Oliveira Camargo (11 anos)
Leandro Campos da Cruz (14 anos)
Lucilene Nunes de Freitas (19 anos)
Maélen Cristina Ribeiro Antunes (11 anos)
Marcos Fernando (12 anos)
Maria Alice Liber de Oliveira (13 anos)
Maria Angélica Camargo Oliveira (13 anos)
Maria Eduarda Camargo Caldas (12 anos)
Maria Eduarda Repzuk Boeira
Maria Valdirene Borges (17 anos)
Marilene Aparecida Nunes da Silva (11 anos)
Marinaldo Domingues (17 anos)
Miriã Gzesnik Borysuk (19 anos)
Nalielto de Jesus Padilha (14 anos)
Neilon Rafael Kinseler Prestes
Neuciane Santos Lima (13 anos)
Pâmela Mendes Fagundes (11 anos)
Paola Fernanda Ferreira Cerenz (14 anos)
Patrícia Ferreira Meira (16 anos)
Pedro Augusto Ferreira Kinceler
Rafael Padilha de Lima (12 anos)
Rafaele França da Silva (11 anos)
Raissa Oliveira de Lima (12 anos)
Regiane Maria de Oliveira (16 anos)
Renan Santos de Siqueira (11 anos)
Samuel Silva Freitas
Silene Daiko (18 anos)
Tainara da Silva Santos (13 anos)
Talita de Oliveira Ramos (11 anos)
Tatiele Santos Alves (13 anos)
Thalia Kovalek Weber (17 anos)
Thaís Aparecida Corrêa (11 anos)
Vitor Emanuel Gonçalves da Silva
Vitor Silva Freitas
Vitor Vinícius Alves de Oliveira (12 anos)
Weiglas Vinícius Camargo de Paula
Wellinton Gabriel Ribeiro de Macedo (12 anos)

Membros da comunidade cedentes de objetos para a exposição

Antônio e Jocinei Macedo de Siqueira
Dominguinhos Ferreira
Elfrida Siepmann
João Lima
João Wilmar de Oliveira
Júlia Maria Vieira
Maria Onória Moraes Santos
Pedro Verbanek
Sílvio Matias
Vanda Augusto Machado

Coordenadora do Projeto História de Faxinais

Prof.^a Dr.^a Liliana Porto

Pesquisa

Prof.^a Alexandra Vanessa Portella (SEED/PR - Coordenação Local de pesquisa)

Me. Ana Luisa de Mello Nascimento (Museóloga MAE-UFPR)

Douglas Fróis (Fotógrafo MAE-UFPR)

Prof.^a Adriana Aparecida Padilha (CRC Izaltino Bastos - História)

Amanda Luiza de Souza (Bolsista - Ciências Sociais)

Rodrigo Marcondes Vieira (Bolsista - Ciências Sociais)

Zhu Shuwen (Bolsista - Design)

Arte Conceitual e Diagramação

Vinícius Tumelero de Oliveira (Bolsista - Design Gráfico)

Arte Final

Jonata Felipe de Sousa (Bolsista - Design Gráfico)

Revisão Técnica

Prof. Me. Juan Cruz Galigniana

Produção Cultural

Me. Fábio Luís Gasparello Marcolino (Produtor Cultural MAE-UFPR)

PREFEITURA MUNICIPAL DE PINHÃO

Prefeito

Odir Antônio Gotardo

Vice-prefeito

Beraldo Nunes Amaral

Secretária de Educação e Cultura

Prof.^a Maria Aparecida de Oliveira Santos

Diretora do Departamento de Cultura

Danieli Aparecida Lima

**Professora da Equipe Pedagógica
da Secretaria de Educação e Cultura**

Prof.^a Neuza Maria Amaral de Carmargo Almeida

**COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO
PROF. IZALTINO RODRIGUES BASTOS**

Diretora

Prof.^a Selma do Belém Caldas

Pedagoga

Prof.^a Marli de Fátima Oliveira

Professora de História

Prof.^a Adriana Aparecida Padilha

Equipe do C.E.C. Prof. Izaltino R. Bastos

Adriana Aparecida Padilha

Alisson Nunes de Oliveira

Bianca Karine B. dos Santos

Bruna Aparecida Ferreira

Celso Baldoino Ribas

Dejani Inês Varnier

Edenise Aparecida Oliveira dos Santos

Edvilson Luiz Santos

Eliandro José Padilha

Everton Albari Santos

Janete Ferreira da Rosa

Jaqueline Vujanski

Jean Tonin

João Manuel de Lima

Jossiane Camargo Gomes

Kristoffer Braiam Fabricio

Leidiane Baitel Antunes

Luciana Zampieri

Luciano Matulle

Maria Roseli Albigauss Fabricio

Marli de Fátima Oliveira

Patricia Martins Oliveira

Paulo Roberto da Silva Portella

Selma do Belém Caldas

Soeli Cândida Oliveira de Paula

Vandir Orzechowski

Vanessa Letiza Muller

Vanusa Pereira dos Santos

Wiviane Machado Jesbick



**museu de
arqueologia
e etnologia
UFPR**

MAE PARANAGUÁ: (41) 3721-1200
RUA XV DE NOVEMBRO, 575 – CENTRO HISTÓRICO, PARANAGUÁ
DE TERÇA A DOMINGO, DAS 8H ÀS 20H

MAE RESERVA TÉCNICA: (41) 3313-2042 / (41) 3313-2045
MAE@UFPR.BR
RUA BOM JESUS, 650 – JUVEVÊ, CURITIBA
DE SEGUNDA A SEXTA, DAS 7H30 ÀS 19H30

MAE SALA DIDÁTICO-EXPOSITIVA
PRÉDIO HISTÓRICO DA UFPR – PRAÇA SANTOS ANDRADE,
CENTRO, CURITIBA

www.mae.ufpr.br

Este livro foi composto em Myriad Pro 6/8/10, DJB Baby Bump 8/10/12 e Font-On-A-Stick 38 impresso em papel offset 180g/m² para miolo e papel supremo 250g/m² para capa, com tiragem de 1500 exemplares, pela Imprensa Universitária da UFPR para a Editora UFPR, em maio de 2019.

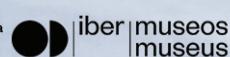
Este livro reúne histórias escritas por estudantes do Colégio Estadual do Campo Izaltino Bastos, situado no Faxinal dos Ribeiros - Pinhão/PR, e produzidas no desenvolvimento de projeto de mesmo nome premiado na 8ª edição do Prêmio Ibermuseum de Educação. Histórias a eles contadas por avós, pais, mães, tias e tios, outros adultos próximos. Abordam distintos temas e perspectivas do passado local transmitidos aos jovens.

Nós, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná, esperamos que através delas seja possível conhecer um pouco do rico mundo dos faxinais do Centro-Sul do Paraná - das trajetórias familiares, dos encantamentos, das brincadeiras e também das tensões e conflitos que marcam o passado e o presente desses povos tradicionais do interior paranaense.

Realização:



Patrocínio:



Projeto premiado na 8ª edição do Prêmio Ibermuseum de Educação

Apoio: *Secretaria Municipal de Educação e Cultura*

